



USO INDISCRIMINADO DE METILFENIDATO ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS CONSIDERANDO SEUS PRINCIPAIS EFEITOS ADVERSOS

Karen Loraine Macena Santos¹; Anderson Felipe Soares de Freitas¹; Arthur Hennys Diniz Barbosa².

Faculdade Mauricio de Nassau: FMN-CG; Email: Karen.cgd@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O metilfenidato é uma substância que está classificada na convenção da ONU como drogas psicotrópicas. Por outro lado, de acordo com a portaria SVS/ MS nº344, de 12/52001, o metilfenidato foi colocado na lista de A3 (substâncias psicotrópicas), mas sujeito a notificação de receita A. Nessa lista estão contidas substâncias como metanfetamina ("ice"), fenciclidina ("pó de anjo") e dronabinol (princípio alucinógeno da maconha) (CARLINE et al., 2003).

É de fato que com o aumento do número de casos diagnosticados de transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), prevalente transtorno neurocomportamental, tem sido mais fácil o acesso ao metilfenidato e as anfetaminas, medicamentos indicados ao controle dessa síndrome. Embora úteis no tratamento de TDAH, os psicoestimulantes são substâncias controladas e a história de uso pré-clínico e humano mostra potencial propensão ao abuso (AFFONSO, et al., 2016). Em estudos clínicos recentes, os estimulantes, do grupo anfetamina e metilfenidato, têm sido associados com maus efeitos eufóricos e de aptidão do que agentes não programados. Porém, parece não haver dúvidas da indicação clínica preferencial ao tratamento com metilfenidato. O mecanismo dessa ação dessas substâncias assemelha-se ao de drogas ilícitas (Cocaína), fundamentando na elevação do nível de atividade dopaminérgica. Segundo Rocha (2016), encontraram prevalência de 23% para o uso não prescrito de metilfenidato entre os adolescentes usuários abusivos de outras drogas.

Segundo registros do United States Department of Justice Drug Enforcement Administration (DEA). Em 2010, houve um aumento na produção de metilfenidato em 298% no período entre 1996 a 2006, ajudando assim na identificação de casos com TDAH e o uso indiscriminado por usuários que procuram nesse fármaco seus efeitos estimulantes como forma de benefício (FILHO, et al., 2016).

Estudos recentes apontam que, uma grande parcela dos usuários que não apresentam indicações clínicas para o uso de metilfenidato é composta por pessoas que desejam prestar concursos públicos e vestibulares e universitários. A porcentagem do desempenho cognitivo tem levado universitários ao consumo indiscriminado do fármaco. No Brasil esta prática tem sido chamada de "uso instrumental de remédios", "drogas para turbinar o "cérebro" e "drogas de inteligência" (WAGNER, et al., 2017).

Diante do exposto, o estudo tem por objetivo demonstrar o uso indiscriminado de metilfenidato entre estudantes universitários e seus principais efeitos adversos.

METODOLOGIA



Trata-se de uma revisão integrativa de artigos científicos publicados entre os anos 2003 a 2017, indexados nas bases de dados SCIELO, PUBMED e GOOGLE ACADÊMICO. Utilizaram-se como descritores: Ritalina, uso indiscriminado de metilfenidato, estudantes universitários. Sendo selecionados artigos nas línguas portuguesas, e inglesas.

A seleção dos artigos se baseou na conformidade dos limites dos objetivos deste estudo, desconsiderando aqueles que, apesar de aparecerem no resultado da busca, não abordavam o assunto sob o ponto de vista da pesquisa. Incluíram-se somente os artigos científicos que abordaram a temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa resultou em um total de 28 artigos selecionados, sendo 10 na base de dados SCIELO, oito na base de dados PUBMED, e 10 na base de dados GOOGLE ACADÊMICO. Entretanto, a falta de acesso a alguns deles, seja na íntegra ou até mesmo ao resumo, impossibilitou a realização da sua análise. Assim, o estudo se compôs de um total de 15 estudos, dos quais cinco da base de dados SCIELO, seis na base de dados GOOGLE ACADÊMICO e quatro na base de dados PUBMED. Destes, 11 foram obtidos na íntegra e quatro obtidos em resumo, porém com as informações básicas a serem estudadas.

A metodologia utilizada no desenvolvimento dos artigos relacionados, bem como a origem de sua autoria em termos de categorias profissionais também foi analisada.

Os resultados deste estudo mostram necessariamente que o uso de metilfenidato entre estudantes, sobretudo universitários ocorre com uma frequência colocando-se entre a população de alto risco de comprometimento à saúde. Entre os estudos analisados pode-se perceber uma população de universitários de diferentes cursos, entretanto observou-se que entre os cursos o que mais prevalece para o uso indiscriminado constitui-se o curso de medicina.

Até o ano de 2009 não existiam estudos publicados sobre o uso “(não médico)” do metilfenidato. Todavia, atualmente esse assunto tem sido amplamente discutido no campo da medicina por conta dos entraves ético-morais e dos riscos para a saúde dos usuários (SHIRAKAWA, 2012).

Metilfenidato e sua forma de ação

O metilfenidato (MFD) por sua vez é uma substância quiral cuja farmacologia específica está situada totalmente no enantiômero D. No cérebro humano, o enantiômero D se liga aos transportadores de dopamina, enquanto o enantiômero L não apresenta essa capacidade de ligação. O MFD apresenta uma ação curta, com uma meia-vida de 2 a 3 horas. A concentração plasmática é aproximadamente 10ng/ml 2 horas após a ingestão oral. Sua absorção é completa e rápida, atravessando a barreira hematoencefálica facilmente, devido à sua lipossolubilidade. Após a absorção, em um período de 48 a 96 horas, MFD é metabolizado através do sistema microsomal hepático. O principal metabólito urinário é um produto desestirificado, o ácido ritalínico, que apresenta pouca afinidade pelos transportadores de dopamina (SCHERE, 2014).

Metilfenidato, prevalência entre estudantes universitários.

Segundo o Altort Cruz, et al., 2010, foi possível perceber uma margem de usuários entre o sexo



feminino e masculino, destacando-se como os usuários de alta prevalência o sexo feminino consistindo praticamente 31% enquanto o sexo masculino 69% (CRUZ et al., 2011).

Dentre as análises de estudos constou que os estudantes que fazem o uso de tal fármaco variaram entre as idades de 18 a 26 anos. Isso se deve ao fato dos estudos terem avaliado o uso de MFD em estudantes na faixa etária universitária (LAGE et al., 2015).

Como os acadêmicos adquirem o MDF

Com relação às formas de obtenção, os estudos demonstram que, a maioria dos estudantes, alega adquirir o metilfenidato através de amigos e/ou parentes. Observando-se que esse grupo constitui um forte incentivador para a aquisição de forma ilegal e sem indicações terapêuticas. Outros métodos relatados de obtenção foram através do mercado negro e roubo. Segundo Pasquini et al.(2013) em 30 universidades do estado de São Paulo, 25,3 % dos estudantes alegaram que o período de provas ou quando julgarem ser necessário, adquirem a droga de origem paraguaia.

Aquisições ilegais do medicamento são preocupantes, pois não se tem controle se a droga é produzida dentro dos padrões reguladores exigidos pelos órgãos de fiscalização e vigilância em saúde. É evidente que o uso do metilfenidato vai além de muitas prescrições médicas, sendo este envolvido em um mercado clandestino, em que, para se fazer uso do mesmo, os estudantes não necessariamente precisariam ter o diagnóstico de TDAH (TARCISIO, et al., 2011).

Quais as motivações alegadas para o uso de MTF?

Os fatores que fundamentam para as principais motivações alegadas para o consumo de metilfenidato foram para melhoria o rendimento escolar e concentração. Além destas, outras como o aumento do estado de vigília, elevação da autoconfiança e uso para fins recreativos em festas também foram descritas. De fato o aperfeiçoamento cognitivo atua na principal motivação para o consumo do metilfenidato. Dentre os estudos foram observados o uso do metilfenidato pelo gênero feminino para a finalidade de perda de peso correspondendo 40 % nas amostras avaliadas. Considerando um dado preocupante, uma vez que ainda são desconhecidos os efeitos colaterais ao longo prazo do uso e abuso desse fármaco sobre o organismo humano (TSUDA; CHRISTOFF, 2015).

Vias de administração

Sobre as vias de administração do metilfenidato pode-se dizer que a uma contradição entre os artigos analisados. Poucos artigos levantaram a questão de vias de administração. Relataram uma prevalência de 55% de uso do tal medicamento por via intranasal e enquanto 88,8% pela via oral, entre relação a esse estudo, a via intranasal produz muito mais efeito graves relacionados ao abuso (LAGE, et al., 2015).

Motivo para refletir sobre o uso

O uso indiscriminado traz consigo efeitos ainda desconhecidos ou talvez pouco estudados pelos pesquisadores. Os defensores argumentam que o metilfenidato é uma droga segura com poucos efeitos colaterais e que a utilização para aperfeiçoamento cognitivo é um objetivo louvável e uma escolha pessoal (COLLI, et al., 2016).



Outro ponto importante é a escassez de estudos longitudinais a médio e longo prazo dos prejuízos associados ao consumo indiscriminado. Os efeitos colaterais em curto prazo, descritos nos artigos, incluem: fadiga após o término do efeito, cefaléia, taquicardia, tremores, perda do apetite, ansiedade, insônia, xerostomia, dependência física e psíquica. Pessanha & Mota (2014) observaram que 86,6% dos universitários afirmaram já terem apresentado algum tipo de efeito colateral relatado na bula do metilfenidato e 13,4% afirmaram nunca terem apresentado efeitos colaterais. Emanuel *et al.* (2013) alertam para o uso em pessoas portadoras de hipertireoidismo, transtorno do humor e problemas cardíacos.

CONCLUSÃO

Com o presente estudo, conclui-se um uso preocupante do metilfenidato por estudantes universitários, visando principalmente o aumento do rendimento na universidade. Não houve diferença relevante entre os gêneros e quanto ao curso, o de medicina foi o mais prevalente, talvez pela grande cobrança de rendimento e o fato de ser um curso muito exigente comparado aos outros.

A forma de obtenção é das mais diversas possíveis, passando por amigos até mercado clandestino e há uma estreita relação entre o uso do metilfenidato e o uso abusivo de outras drogas lícitas e ilícitas. Observa-se ainda que o uso de metilfenidato para aprimoramento cognitivo é disseminado, apesar dos riscos que o uso não médico pode gerar, visto que os artigos selecionados mostram dados de diversas localidades. Os dados encontrados apontam para a necessidade de investigar a alta prevalência de uso de metilfenidato encontrada, a fim de propor medidas preventivas e/ou de oferecer apoio psicológico para os estudantes, proporcionando uma melhor formação profissional sem correr riscos

REFERENCIAS

AFFONSO, R.S et al, uso indiscriminado do cloridrato de metilfenidato como estimulante por estudantes da área da Saúde da Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB), Infarma v28 e3 pp 166-172, 2016.

CARLINI., ET AL. Metilfenidato: influencia da notificação de receita de (cor amarela) sobre a prática de prescrição por médicos brasileiros: Rev. psiquiatr. clín. vol.30 no.1 São Paulo: 2003.

COLI, A.C.M, SILVA, M.P.S, NAKASU, M.V.P, Uso não Prescrito de Metilfenidato entre Estudantes de uma Faculdade de Medicina do Sul de Minas Gerais, Revista Ciências em Saúde v6, n 3, 2016.

CRUZ T.C.S. C, et al . Uso não-prescrito de Metilfenidato entre estudantes de medicina da universidade federal da Bahia. Gaz. méd. Bahia : 81:1(Jan-Jun):3-6; 2011.

EMANUEL RM, et al. Cognitive Enhancement Drug Use Among Future Physicians: Findings from a Multi-Institutional Census of Medical Students. J of Gen Intern Med. 2013; 28(8):1028-34.

FILHO, O.P.C, SANTOS, A.L.V, prevalência do uso de metilfenidato por universitários das faculdades unidas do vale do Araguaia, Revista Eletrônica da UNIVAR, Nº: 15 Vol. 1



Págs.139-144, 2016.

LAGE, D.N et al: Uso de Metilfenidato pela População Acadêmica: Revisão de Literatura.
USE OF METHYLPHENIDATE BY ACADEMIC POPULATION: LITERATURE REVIEW.

PASQUIN, N. C, uso de metilfenido (mfd) por estudantes universitários com intuito de “turbinar” o cérebro, Biofar, Rev. Biol. Farm. Campina Grande/PB, v. 9, n. 2, p. 107-113, 2013.

PESANHA F.F; MOTA J.S. Prevalência do uso de metilfenidato por universitários de Campos dos Goytacazes, RJ. Vértices. 16(1):77-86; 2014.

ROCHA, B, avaliação da frequência do uso do metilfenidato por estudantes de ensino superior, Universidade de Santa Cruz do Sul-UNISC, 2016.

SCHERER L; GUAZZELLI C.T . Questão atuais sobre o uso da ritalina e sua relação com o ambiente escolar: Universidade Estadual de Ponta Grossa; 2014.

SHIRAKAWA, D.M et al: Questão atuais no uso indiscriminado do metilfenidato: CURRENT ISSUES IN USE INDISCRIMINATE OF METHYLPHENIDATE: Omnia Saúde, v.9, n.1, p.46-53, 2012.

TARCISIO C.S.C et al, uso não-prescrito de metilfenidato entre estudantes de medicina da universidade federal da Bahia, Gazeta Médica da Bahia 81:1 3-6, 2011.

TSUDA, C.A, CHRISTOFF, A.O, avaliação do padrão de uso de estimulantes em uma faculdade de curitiba-pr, Cad. da Escola de Saúde, Curitiba, V.1 N.13: 116-132, 2015.

WAGNER, I.C. et al. Methylphenidate during early consolidation affects long-term associative memory retrieval depending on baseline catecholamines Psychopharmacology: 234: 657. doi:10.1007/s00213-016-4502-8; 2017.